BOLETIM

P R O E A L C

Centro de Ciências Sociais / CCS – Abril-Maio-Junho de 2012 - ISSN 2175-9103 Nº55

Boletim Número 55
Data: Abril-Maio-Junho/2012

EDITORIAL

A 55ª edição do Boletim PROEALC chega a público sob o impacto do golpe político do Paraguay, exemplo paradigmático das novas formas das reacionárias em movimento na América Latina atingirem o Estado democrático de direito. Em virtude da centralidade da questão este boletim inicia com um artigo que descreve as mobilizações contrárias ao golpe no Paraguay, principalmente com o intuito de enfatizar que não será sem resistências que experiências como esta poderão ocorrer nos países da região.

Apresentamos também mais três importantes artigos de opinião, a saber: 1) "*Crimes de maio" se repetem* ", de José Francisco Neto, sobre a escalada da violência em São Paulo e o desrespeito aos direitos humanos inserido neste processo; 2) *"Para Cúpula dos Povos, rascunho da Rio + 20 explicita teor neoliberal"*, de Rodrigo Otávio, que traz uma análise das entrelinhas do Rio + 20, com base nas avaliações da Cúpula dos Povos; 3) *"Bolivia antes y después de Evo"*, de Angel Guerra Cabrera, que analisa as transformações qualitativas ocorridas na Bolívia a partir da eleição de Evo Morales.

Uma das pesquisadoras da equipe do PROEALC colaborou também neste número, na coluna Espaço Aberto, através da confecção de artigo inédito sobre a questão do turismo global e a segregação espacial das populações pobres, que tem sua expressão mais visível na construção de *resorts* em áreas de preservação ambiental, expulsando as populações que tradicionalmente ocupavam tais espaços.

Registramos, ainda, que neste número o leitor encontrará uma agenda de eventos e indicações sobre lançamentos de livros com temas afins à linha editorial deste boletim.

Desejamos boa leitura para todos e todas.

Profa. Dra. Silene de Moraes Freire
Coordenadora do PROEALC/CCS/UERJ

Em Foco I

Movilizaciones en todo el país y la respuesta temporal del gobierno golpista

Abel Irala, Vidal Acevedo
29-06-2012

Paraguay

Las movilizaciones y protestas contra el gobierno ilegítimo de Federico Franco han cobrado fuerza en todo el mundo, en países vecinos como Uruguay, Brasil y Argentina se dieron las principales concentraciones de protesta, también se han manifestado en países Europeos como en España, Francia, Suecia. No sólo paraguayos y paraguayas se movilizan sino de personas de distintas nacionalidades que repudian el actuar dictatorial de Congreso Paraguayo.

En Paraguay las fuerzas sociales urbanas y campesinas también se mantienen movilizadas a una semana del golpe parlamentario; el inicio de las movilizaciones tuvo lugar frente a la TV Pública, cuando todos/as estábamos bastante desanimados/as y sin mucha fuerza apareció el "micrófono abierto" como un bastión de resistencia, defendiendo el legitimo derecho a la libertad de expresión y defensa de la democracia. Además sirvió como espacio de catarsis, pero esta fue dando un giro hacia las movilizaciones permanentes, generando un hecho político donde la ciudadanía convirtió esa resistencia en manifestación multicolor de muchos sectores.

Por otro lado, los medios de comunicación masiva no daban noticias de lo que estaba pasando frente a la Tv Pública. De ahí la importancia de los comunicadores/as alternativos que se encargaron de comunicar a los medios de países vecinos que ocurrió un golpe de estado por parlamentarios y que no todo está bien y en calma, como quieren hacer creer los medios corporativos de comunicación. La resistencia frente a la Tv Pública es pacífica, no violenta y, sobre todo, es por la defensa de la DEMOCRACIA.

En las ciudades fronterizas con Brasil y Argentina, Ciudad del Este y Encarnación respectivamente, también se han registrado importantes acciones de protesta, como las más resaltantes podríamos mencionar el corte intermitente de los puentes internacionales que unen estas ciudades con los países vecinos.

En otros departamentos las movilizaciones de las organizaciones campesinas también denuncian y desconocen al gobierno de Franco. En los departamentos de Caazapá, Caaguazú, Misiones, San Pedro, Alto Paraná y Concepción se mantienen varios días de protestas y cortes intermitentes de las principales rutas del país, los últimos reportes mencionan que más de dos mil campesinos realizan movilizaciones en la zona de Pirapey y en Ciudad del Este. Al momento en que escribimos este artículo se realiza un nuevo corte del Puente de la Amistad con miles de manifestantes en coordinación con organizaciones sociales del Brasil que activamente se acoplan a la medida de fuerza.

¿Cómo responde el nuevo gobierno?

Ante las diversas manifestaciones populares en contra del actual gobierno liberal la estrategia parece ser esperar el desgaste de las movilizaciones y apostar a que las mismas se vayan debilitando. Los medios de comunicación empresariales informan poco o nada del descontento popular, en el ámbito mediático las movilizaciones totalmente minimizadas.

Sin embargo, podríamos decir que la estrategia gubernamental en contra de las manifestaciones está entrando en una segunda fase, esta consiste en descabezar al movimiento popular a través de la detención y apresamiento de dirigentes. Ante esta afirmación mencionamos que ayer, jueves 28, fueron apresados Eulalio López, dirigente campesino de la Liga Nacional de Carperos en el Departamento de San Pedro y en Asunción el dirigente Sin Techo Gilberto Cáceres. Esta medida represiva se irá extendiendo a otros dirigentes de diferentes organizaciones sociales y populares si no se logra cortar a tiempo, la disputa de los apresamientos en realidad no se encuentra ahora en un plano jurídico, sino en un plano político y tiene que formar parte de la resistencia del pueblo. En la medida en que las movilizaciones vayan perdiendo fuerza, la persecución contra los sectores populares irá recrudeciéndose, es fundamental mantener las manifestaciones para evitar una arremetida aún más brutal.

El gobierno acude a este tipo de medidas ya que en estos momentos no le conviene la represión directa ni la dispersión de las movilizaciones por la fuerza; no sería una acción prudente tener un enfrentamiento directo con las fuerzas populares por lo que opta por un trabajo de amedrentamiento mediante apresamientos selectivos y así instalar miedo y debilitar las resistencias en el país.

Si el gobierno logra desactivar las movilizaciones entrará en una siguiente fase mucho más violenta y represiva para el movimiento popular utilizando a la fiscalía, el Ministerio Público y la Policía Nacional, para seguir imputando y deteniendo a luchadores sociales, se reavivará la excusa de la Lucha contra el EPP para perseguir y criminalizar a organizaciones, comunidades indígenas y campesinas, paralelamente se utilizarán otras estrategias pacíficas de desactivación de las protestas y movilizaciones apelando a los programas sociales de transferencias monetarias condicionadas para incidir y controlar a una buena parte de la población y debilitar la organización.

SERPAJ PY
29 de junio 2012

Fonte: http://alainet.org/active/56078&lang=es

Em Foco II

"Crimes de maio" se repetem

Toques de recolher, ônibus queimados e jovens assassinados, assim como em 2006

José Francisco Neto,

30/06/2012

A possibilidade de ocorrerem novos atentados foi previsto no relatório São Paulo sob achaque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006. O estudo compreendeu o período de 12 a 20 de maio de 2006, marcado por chacinas e execuções em que mais de 500 civis foram assassinados na capital, litoral, interior e região metropolitana de São Paulo.

O relatório foi apresentado no dia 9 de maio de 2011, realizado pela ONG de defesa de direitos humanos Justiça Global e pela Clínica Internacional de Direitos Humanos da Faculdade de Direito de Harvard. Dentre outros dados, o relatório indica que a corrupção policial foi o estopim para os ataques e que o governo paulista sabia dos planos do Primeiro Comando da Capital (PCC). Além disso, segundo a pesquisa, dos mais de 500 homicídios, 122 execuções apresentaram participação de policiais militares. A maioria dos crimes não foram sequer investigados. Muitas das vítimas atendiam ao estereótipo do que os policiais costumam chamar de “bandido”: jovens, negros, tatuados, alguns com passagem pela polícia.

Para Débora Maria, do movimento Mães de Maio, do mesmo modo que está acontecendo agora, com ônibus sendo queimados, jovens sendo mortos e toques de recolher nas periferias, aconteceu em 2006 antes de haver o massacre. “A história de maio se repete. Não teve nenhuma punição naquela época, pois o Estado se omitiu.”

Débora, que teve seu filho assassinado em 2006 por grupos de extermínio da polícia militar, conta ainda que na época em que foi lançado o relatório, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) disse à mídia que ele era “inverídico”. “Agora seria muito eficaz por parte da mídia perguntar pra ele se o relatório continua inverídico”, questiona.

Carta branca

A declaração que o governador Geraldo Alckmin deu à imprensa no dia 27 de junho, reforçando que "o governo não retrocederá um milímetro" e que "os criminosos que enfrentarem a polícia vão levar a pior" é a mesma que concedeu em 2006, como lembra o assessor jurídico da pastoral carcerária Rodolfo Valente, que alega que o posicionamento do governador serve como carta branca para a polícia matar.

Valente ressalta que a situação é de emergência e que as medidas já deveriam ter sido tomadas. Ele cita, como mais um exemplo de desrespeito aos direitos humanos, o sistema carcerário, que está cada vez mais lotado, permitindo todo tipo de degradação e violação dos direitos fundamentais.

"Mesmo na questão da segurança pública, São Paulo tem uma estrutura extremamente excludente que joga as pessoas com menos oportunidade para a periferia, onde todos os tipos de violações acontecem", e complementa, "São Paulo vive em estado de guerra, mas uma guerra bem direcionada contra a periferia. Essa guerra da polícia contra o crime organizado é mais um pretexto para atacar a periferia."

Para Débora Maria, a história de 2006 se repete, e quem fica no meio do fogo cruzado é a população. "O governo está sendo omisso mais uma vez. Nós, mães, somos a verdadeira vítima do Estado, porque eles não matam só os nossos filhos, mas sim uma família inteira. Eles deveriam arrumar outro método pra fazer o trabalho em cima dessa violência, e não tratar a violência com violência, que é sempre produzida por eles mesmos", critica.

Fonte: http://www.brasildefato.com.br/node/9979

Em Foco III

Para Cúpula dos Povos, rascunho da Rio + 20 explicita teor neoliberal

Rodrigo Otávio

2012-05-29

Rio de Janeiro - Em uma ação batizada Rio+Leaks, a Cúpula dos Povos, evento paralelo a Rio + 20 que acontecerá entre 15 e 23 de junho no Aterro do Flamengo, divulgou a mais recente versão do documento que servirá de base para as discussões da conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável, que será realizada de 13 a 22 de junho no Riocentro. O "rascunho zero" é distribuído apenas internamente na ONU e deve sofrer mais uma revisão até chegar ao Rio.

A atual versão do texto é um calhamaço de 80 páginas, intitulado "o Futuro que Queremos" e dividido em seis seções: Visão Comum, Renovando Compromissos Políticos, Economia Verde no Contexto do Desenvolvimento Sustentável e da Erradicação da Pobreza, Moldura Institucional para o Desenvolvimento Sustentável, Moldura para Ação e Acompanhamento, e, finalmente, Formas de Implementação. Cada seção desmembra-se em até 17 itens e 21 subitens, acomodando, por exemplo, temas como "florestas" e "químicos e desperdícios" dentro da seção Moldura para Ação e Acompanhamento.

Tanto Iara Pietricovsky, antropóloga e ambientalista que participará da Rio+20 e da Cúpula dos Povos; como Sergio Ricardo, ecologista da Rede Brasileira de Justiça Ambiental, leram e reprovaram o pré-documento. A

antropóloga vê uma linguagem preparada para “uma consolidação de uma tendência mais privatista do sistema global”. Por sua vez, Ricardo avalia o texto como o caminho para carimbar a conferência como “Rio menos 20”. “A crise ecológica se aprofundou da Eco 92 para cá. O planeta perdeu muito nesses 20 anos, e isso não consta do documento. Ele deveria partir de um balanço do que aconteceu. É uma omissão!”, diz.

Nuances perigosas

Segundo Iara, com a linguagem do texto aliviada em relação à Eco 92 e a rascunhos anteriores da Rio + 20, ao invés de “os países têm que realizar” entra “os países reconhecem a importância”, tirando a obrigação dos estados e estendendo tapetes vermelhos para o setor privado através de parcerias. A ambientalista aponta o conteúdo do item C, “Englobando Grupos de Discussão e Outros Conjuntos de Interessados”, da segunda seção, “Renovando Compromissos Políticos”, como um dos exemplos mais explícitos da substituição dos direitos consignados pela maioria dos países para os novos arranjos que desembocarão em vantagens comerciais de apenas alguns atores.

Ela cita o trecho “nós encorajamos novas parcerias público-privada para mobilizarmos significativos fundos para complementação de políticas”, ou ainda, “o governo deve dar suporte as iniciativas que promovem e contribuem para o setor privado”, como “pérolas” do novo rascunho.

Diferenciações

Iara também realça a quase supressão das Responsabilidades Iguais Porém Diferenciadas (CBDR, em inglês), uma das bandeiras da Cúpula dos Povos, nas seções “Moldura para Ação e Implementação” e “Formas de Implementação” do desenvolvimento sustentável. “Isso é um princípio que saiu da Eco 92 que é fundamental para que a mensuração e a mudança de paradigma se faça, em especial, nos países ricos. Esse é um princípio que vai dar as diferentes responsabilidades que os países têm no processo. Porque uns têm que fazer muito mais que outros. E se isso não se coloca, essa conta não vai ficar para os países ricos, ainda mais por causa da crise que eles estão passando”, afirma.

Pontos positivos

Para Iara, alguns pontos positivos do texto estão mantidos porque existe grande intervenção dos movimentos sociais. Ela cita “Igualdade de Gêneros e Fortalecimento das Mulheres”, subitem da seção cinco, como um deles. “A questão do direito sexual e reprodutivo das mulheres está com uma linguagem mais própria, porque eles falam ‘no direito reprodutivo’, eles não usam a linguagem ‘do direito reprodutivo’, que é completamente diferente”.

Na visão de Sergio Ricardo, o que acontecerá de positivo é a capacidade de mobilização internacional que a Cúpula dos Povos, mais que a Rio+20, está angariando. Assim, de acordo com o ecologista, “a perspectiva da mobilização é muito forte. A metodologia de convergência valoriza a diversidade dos grupos, mas ao mesmo tempo é propositiva. Muitas propostas e experiências serão apresentadas mostrando que é possível construir uma economia ecológica. Uma economia que seja distributiva, solidária, descentralizada e respeitando a diversidade e territórios dos povos”.

Fonte: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20244

Em Foco IV

Bolivia antes y después de Evo

Angel Guerra Cabrera

09-08-2012

En Bolivia una exigua minoría opulenta oprimía y negaba sus derechos humanos básicos a aimaras, quechuas, guaraníes y otros pueblos originarios que forman la mayor parte de la población. Mucho menos les reconocía sus derechos colectivos a la identidad cultural, la autonomía y el territorio. 90 por ciento de la población rural vivía en la pobreza y el país disputaba a Haití y Honduras el peor desempeño en la región por su índice de desarrollo humano. Las empresas públicas creadas por la revolución de 1952 fueron privatizadas a precio de remate en cumplimiento de las directivas del Consenso de Washington mediante disposiciones anticonstitucionales y escandalosos negocios armados entre la oligarquía y las transnacionales. Valga este ejemplo para ilustrar el saqueo: sólo el presidente neoliberal Gonzalo Sánchez de Lozada (1993-97; 2002-03) hizo una fortuna superior a los 250 millones de dólares a expensas de las privatizaciones, del desempleo ocasionado por estas a decenas de miles de trabajadores, de la entrega de los recursos naturales y la soberanía nacional y la sangrienta represión contra los movimientos que rechazaban estas políticas.

Sánchez de Lozada y su sucesor fueron derrocados por rebeliones de los pueblos indios e interculturales, que en 2005 lograron alzar a la presidencia a uno de los suyos, el aimara Evo Morales, con un alud de votos. Entonces se inició la profunda trasformación social que vive hoy Bolivia. ¿Quién podía imaginar entonces los extraordinarios logros conseguidos en los siete años trascurridos hasta la actualidad?

Los pueblos de Bolivia, ya con el timón del gobierno en sus manos, iniciaron el rescate de la independencia, la soberanía y el desarrollo de una política exterior independiente, de unidad e integración latinocaribeña y de solidaridad con los pueblos de la región y con todos los que bregan por un mundo mejor. Desafiando los ataques de la oligarquía y del imperialismo Evo luchó a brazo partido por convertir en realidad las demandas de los movimientos indígenas y populares. Convocó a la Asamblea Constituyente, reclamo muy sentido de los pueblos originarios que permitió proclamar la nueva Constitución y el nacimiento del Estado Plurinacional de Bolivia, enterrar la República oligárquica y con aquella arma jurídica acometer el rescate de los recursos naturales, las empresas privatizadas y redoblar la larga lucha por la descolonización y la trasformación de las conciencias en lo que ha sido calificado acertadamente por el líder boliviano como la Revolución Democrática y Cultural.

En siete años Bolivia erradicó el analfabetismo, su economía ha crecido a un promedio de 4.7 por ciento anual, casi sextuplicó sus reservas internacionales de divisas, duplicó el PIB por habitante y dejó de ser aquel Estado mendicante, calificado de fallido, que dependía de la ayuda internacional hasta para pagar a sus empleados públicos, conquistas de las que no pueden presumir muchos países en medio de la megacrisis económica internacional. Extendió considerablemente los servicios de salud a millones que no los recibían y abrió miles de escuelas. Es un prestigioso miembro de la Alba y Unasur y seguramente pronto ingresará al Mercosur, un paso que añadirá fortaleza geopolítica a la aportada por Venezuela a ese bloque de formidable proyección internacional pues Bolivia, sin contar sus recursos energéticos, mineros y de biodiversidad, goza de una ubicación geográfica crucial en el área.

No es fortuito que el gobierno de Bush hiciera todo lo posible por impedir la llegada de Evo a la presidencia ni que Washington, también con Obama, haya mantenido una persistente política subversiva para derrocarlo al extremo de que el estado mayor de la contrarrevolución radique en la representación diplomática yanqui en La Paz. Estados Unidos ha ido modificando sus tácticas subversivas en la medida que le fracasan una tras otra. Últimamente ha recurrido a estimular y hacer ruido mediático con demandas de sectores populares, entre ellos el tema del Tipnis, cuyos dirigentes defienden intereses particulares y ahora se oponen al referendo que decidirá sobre la carretera propuesta por el gobierno ya que saben que la abrumadora mayoría de la población del territorio indígena en cuestión la apoyará. Bolivia brilla con el liderazgo de Evo antes los pueblos indios y no indios como un faro de dignidad y construcción nacional en armonía con la naturaleza, tema en el cual es líder mundial.

Fonte: http://alainet.org/active/57079&lang=es

Espaço Aberto I

O turismo global como prática social segregadora1

Andreia de Souza de Carvalho*

O processo de mundialização do capital que tem se reafirmado no momento atual, mas não apaga o local, **ao contrário impõe a mediações entre o local e o mundial em termos de reprodução ampliada do capitalismo hoje.** Essa mediação se realizaria via metrópole Carlos (2006). Para a autora (CARLOS, 2001), **quando esta identifica o surgimento da metrópole como a manifestação espacial concreta do processo de solidificação da sociedade urbana como tendência no contexto mundializado.** "A metrópole ganha uma centralidade em relação ao restante do território, dominando e articulando áreas imensas. Assim ela se constitui como espaço mundial" (CARLOS, 2001, p.31).

O processo de reprodução e crescimento da metrópole se dá de forma autofágica, destruindo bairros centrais e expulsando populações para periferia, sendo que esta se produz controlada por um processo de produção do espaço social fundamentada pela apropriação privada do solo, e por um processo de revalorização do espaço a partir da ação do Estado, o que atua nos preços dos locais, nos seus usos e funções, e o que acaba definindo quais as classes e estratos de classes que terão condições de habitar em determinados espaços (CARLOS, 2001, p. 83).

É dessa maneira que o amplo espaço da metrópole se organiza a partir de uma distribuição desigual de bens e serviços com relação ao centro, enquanto determinados espaços da mesma cedem lugar pra novas funções (CARLOS, 2001, p. 84). Neste sentido destacamos a metrópole enquanto centro político, definido por uma "racionalidade política, estatal e urbana, que se quer total, e que aparece como uma estratégia que condensa riqueza e poder, meios de ação, informação, conhecimento, cultura, idéias, decisão" (idem). Por outro lado, no contexto mundializado, o capital circulante por excelência e sempre em busca de uma sobrevalorização, migra não só de setores, mas valoriza/desvaloriza/revaloriza áreas inteiras, neste sentido a oposição centro-periferia nunca pode ser considerada estanque.

Carlos (2012) sinaliza ainda que o processo de mundialização do capital se realiza num plano espacial cada vez mais ampliado, acrescentando que o processo de reprodução do capital no espaço se realiza hoje em três setores importantes, a saber: **o financeiro, o de lazer e turismo e o do narcotráfico**. Segundo Carlos (idem):

> O setor financeiro se realiza através do setor imobiliário, investindo na compra da terra urbana para a produção dos edifícios corporativos que serão destinados ao mercado de locação. O setor de turismo e lazer através da venda dos lugares para a realização de seu consumo produtivo, e o narcotráfico através da dominação de lugares da metrópole como condição para realização do comércio da droga. Como consequência, há uma profunda metamorfose no plano da vida cotidiana. Em todos os níveis a produção do espaço assume papel central pra o entendimento da reprodução da sociedade. O que significa dizer que em seu processo de extensão, o capitalismo, longe de prescindir do espaço, realiza-se a partir e por meio deste, - reproduzindo o espaço em um "novo patamar" [...] **Assim, o processo de urbanização realiza-se como processo de reprodução da cidade e da vida na**

1 Texto retirado de tese de doutorado defendida no Programa de Pósgraduação de Serviço Social da UERJ, sob orientação da

> **cidade que hoje, sob o signo da mundialização, revela profundas contradições2** (idem, pp. 29-30).

Especificamente sobre o turismo, Rita de Cássia Ariza da Cruz (2006) nos elucida que este seria uma atividade econômica de natureza diferenciada, pois, além de ser uma prática social cujo turista é o principal protagonista, seu principal objetivo é o consumo do próprio espaço. Neste sentido, podem existir lugares em que a população local é pobre, mas que o espaço foi reorganizado em prol de atividades de turismo, e as populações nativas "viram suas economias dinamizadas e assistiram a profundas transformações em seus territórios sem que, necessariamente… tivessem se tornado detentoras de melhores condições de vida e renda" (idem, p. 339).

Luzia Neide M. T. Coriolano (2006), aprofundando o tema, nos elucida que o discurso do turismo como gerador de riqueza vem sendo a justificativa para o Estado retirar "populações historicamente assentadas nesses lugares, sob o propósito de que estes lugares estão degradados e agredidos por serem ponto de prostitutas, vendedores e desocupados" (idem, p. 377). Completando esse raciocínio, a autora (idem) afirma que embora o discurso em torno do turismo apareça como opção de desenvolvimento dos países, estados e municípios, este é superestimado no que tange as suas reais possibilidades frente a problemas ambientais e sociais. A autora (idem) destaca, em especial, a contradição do turismo global dos *resorts,* que pressupõe a separação dos locais dos residentes e dos turistas, este último elitizado e luxuoso (idem, pp. 372-375). Coriolano (idem) entende que o projeto contraposto ao turismo global, seria um "turismo local e alternativo, voltando-se para os interesses da identidade local, mesmo que em processo simultâneo de resistência e solidariedade" (idem, p. 374). Podemos concluir sobre o tema, que sob a égide das forças de mercado **"o turismo é uma prática social de apropriação e de dominação de muitos territórios, especialmente nos países tropicais" (idem, 377).**

Bibliografia

CARLOS, Ana Fani Alessandri. "Dinâmicas Urbanas na metrópole de São Paulo". In: LEMOS, Amália Inéz G.; ARROYO, Mônica; SILVEIRA, Maria Laura. *América Latina: cidade, campo e turismo.* 1 ed. Buenos Aires, CLACSO/USP, 2006.

_____. "Espaço-tempo na metrópole. A fragmentação da vida cotidiana". São Paulo, Editora Contexto, 2001.

_____. *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo, Contexto, 2012.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. En: *América Latina: cidade, campo e turismo*. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia A. Planejamento Governamental do Turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira América Latina: cidade, campo e turismo. LEMOS, Amalia Inés Geraiges de Lemos; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Laura Silveira. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

***** Dra. Andreia de Souza de Carvalho
Técnica-administrativa e pesquisadora do PROEALC/CCS/UERJ

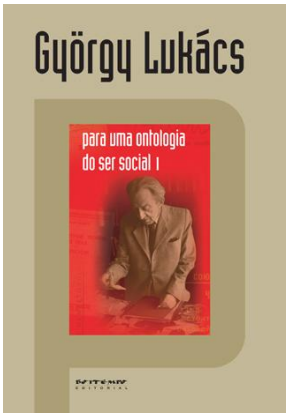
2 Grifo nosso.

Livros/Lançamentos



DILVA, Maria Emília Pereira da*. A metamorfose do trabalho docente no ensino superior: entre o público e o mercantil.* Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.

O livro dirige seu foco de análise para o trabalho docente no Ensino Superior no Brasil, face ao atual contexto das relações sociais de produção sob a égide do capital financeiro, suas implicações no campo produtivo e desdobramentos nas políticas neoliberais no país. O estudo parte de duas premissas fundamentais à compreensão da mutação do processo de trabalho docente: trabalho simples e trabalho assalariado. Examina, com base no materialismo histórico, a metamorfose da força de trabalho docente em mercadoria e apreende uma tendência à simplificação desse trabalho, com implicações no salário, condições de trabalho e qualificação do professor. São reflexos de diferentes formas de combinação público/privado, que estão levando à crescente privatização da educação superior e, portanto, ao aumento do trabalho docente produtivo para o capital. Seguindo as orientações dos organismos internacionais, os governos brasileiros vêm delegando para o setor privado responsabilidades de financiamento e fornecimento da educação superior, por meio de diferentes estratégias privatizantes no setor público, ampliando o raio de ação do capital. Por outro lado, na medida em que a mundialização do capital no setor dos serviços funciona pelo entrosamento das suas dimensões produtiva e financeira, grandes grupos empresariais da educação buscam a auto-valorização do capital no sistema financeiro usando como lastro esses empreendimentos. A flexibilização dos regimes e contratos de trabalho se impôs nas instituições de Ensino Superior públicas e privadas. A redução de gastos com a força de trabalho docente, aliada a um produtivismo e especialização exacerbada, tende a reduzir as atividades de pesquisa na universidade pública e a sobrecarregar o professor, precarizando suas condições de trabalho e salário. No setor privado, o professor é submetido a uma carga horária fragmentada em diversas instituições, a flexibilização curricular e da sua área de especialização. O valor-trabalho é a categoria central de análise e explicação de A Metamorfose do Trabalho Docente no Ensino Superior: entre o público e o mercantil.



LUKÀCS, György. *Para uma ontologia do ser social (volume 1).* São Paulo, Boitempo, 2012.

O primeiro volume de um dos centrais projetos editoriais da Boitempo, acalentado por mais de uma década, finalmente chega às livrarias brasileiras esta semana: ***Para uma ontologia do ser social***, de **György Lukács**, é a mais complexa sistematização filosófica do teórico húngaro.
A edição da Boitempo conta com primorosa apresentação de José Paulo Netto e tradução direta do alemão por Mario Duayer e Nélio Schneider, acrescida da tradução de Carlos Nelson Coutinho, introdutor de Lukács no Brasil e profundo conhecedor de sua obra, baseada na edição italiana. O texto contou também com uma minuciosa revisão técnica de Ronaldo Vielmi Fortes, auxiliado por Ester Vaisman e Elcemir Paço Cunha.
O livro está em pré-venda nas livrarias Saraiva, Cultura e Travessa.
A versão eletrônica (ebook) começará a ser vendida na sexta-feira 14 de dezembro, assim como as outras obras de Lukács publicadas pela Boitempo.
Leia texto de orelha escrito por **Maria Orlanda Pinassi**:
György Lukács é o maior clássico do pensamento humanista do século XX. Herdeiro da rigorosa concepção de totalidade que toma de Hegel e de Marx, aceita o desafio que Engels e Lenin lançam aos marxistas e formula a mais complexa sistematização filosófica de seu tempo. Realiza uma proeza, de fato, consagrando-se um caso

muito raro na cena dominada pela epistemologia neopositivista, de onde a decadência ideológica, trágica tendência do pensamento contemporâneo que ele próprio definiu e criticou duramente, atingia tanto apologetas liberais quanto stalinistas.
Seu humanismo revolucionário não desponta, porém, nem dos fatos políticos que resultam em sua conversão para o comunismo (1917-1918) nem das reflexões filosóficas que sintetiza em *História e consciência de classe* (1923). Esse importante livro da obra lukacsiana influenciou e criou muitos discípulos entre marxistas do Ocidente, ainda que o idealismo lógico-ontológico de Hegel siga predominando. Não é por acaso, portanto, a mitificação que faz da consciência da classe operária, a concepção negativa do cotidiano ou ainda a definição do trabalho visto somente na forma fenomênica de mercadoria (trabalho assalariado), cuja práxis só se pode fundamentar mediante alienação e reificação.
A tomada de posição ontológica marxiana vai acontecer nos anos 1930, quando Lukács segue para Moscou. No Instituto Marx-Engels-Lenin faz um mergulho definitivo nos *Manuscritos de 1844*. Do jovem Marx apreende "o caráter totalizador unitário da dialética materialista" e as ricas possibilidades abertas pela definição de essência genérica do ser que não se pode restringir à forma fenomênica de classe. Essa é a essência histórica da sociabilidade burguesa, cujo trabalho alienado vai subtrair do ser justamente sua vida genérica, reduzindo-o a mero jogo de egoísmos.

Mas, se a guinada ontológica de Lukács acontece ainda na juventude, marcando os seus escritos dos quarenta anos seguintes, é na maturidade que lhe ocorre a necessidade de desenvolver uma sistematização categorial das reflexões sobre arte e literatura. Nos anos de 1950 ele encontra a oportunidade de realizá-la. Retira-se da vida política para dedicar-se à elaboração dos volumes que compõem a *Estética*.
Sua finalização aponta para o projeto de uma *Ética*; antes, porém, era preciso definir o sujeito capaz de assumir um comportamento verdadeiramente ético, motivação que impeliu Lukács a trabalhar tão arduamente, ao longo da década de 1960, nos manuscritos de *Para uma ontologia do ser social*. Esta obra vai significar o salto da ontologia intuída à ontologia filosoficamente fundamentada nas categorias mais essenciais que regem a vida do ser social, bem como nas estruturas da vida cotidiana dos homens. Era a peça que, depois da importante edição dos Prolegômenos para uma ontologia do ser social (Boitempo, 2010), nos faltava da incompleta porém seminal sistematização filosófica lukacsiana.

Agenda Acadêmica

Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades 2012

Data e local: 23 A 26 DE ABRIL DE 2012, BRASÍLIA UNB.
Site oficial: http://www.simposiodemode.unb.br/index.php

O Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades pretende reunir análises sobre os obstáculos ao aprofundamento da democracia gerados pelas desigualdades sociais.

As desigualdades vinculadas a classe, a gênero, a raça ou a sexualidade, bem como as assimetrias vinculadas a renda, capacidade de difusão de informação ou exposição a violência, entre outras, tecem os desafios para o aprofundamento da democracia. Nas democracias contemporâneas, convivem cotidianamente direitos formalmente garantidos e desigualdades profundas que impactam as possibilidades de acesso aos espaços de decisão política.

O Simpósio busca, assim, reunir pesquisadoras/es voltadas/os para diferentes problemas, aspectos e variáveis das relações entre democracia e desigualdades, com abordagens tanto empíricas quanto teóricas. Seu objetivo é contribuir para que avancem, no Brasil, as pesquisas e reflexões sobre os impedimentos e desafios que diferentes formas de desigualdade significam para a construção de relações sociais, formas de participação política e instituições democráticas.

As atividades ocorrerão nos dias 23, 24, 25 e 26 de abril de 2012, nos auditórios do Instituto de Biologia da Universidade de Brasília. Nos dois primeiros dias, o Simpósio apresentará mesas-redondas com pesquisadores convidados. Nos dias 25 e 26 acontecerão os Grupos de Trabalho, para os quais poderão ser feitas inscrições de resumos até o dia 31 de janeiro 2012, por meio deste mesmo site.

Os Grupos de Trabalho serão organizados segundo os eixos:

Democracia e justiça
Democracia e assimetria de informação
Democracia e gênero
Democracia e classe
Formas e espaços de participação em sociedades desiguais
Desigualdades e teoria democrática
O Simpósio é organizado pelo Grupo de Pesquisa sobre Democracia e Desigualdades da Universidade de Brasília (Demodê) e vinculado ao projeto de pesquisa "Desafios da teoria democrática numa ordem desigual", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Conta com o apoio do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (IPOL-UnB), do Programa de Educação Tutorial em Ciência Política da UnB (PET-POL) e da Revista Brasileira de Ciência Política.

8º Encontro da ABCP: Ampliando fronteiras da Ciência Politica: Desafios contemporâneos à democracia e ao desenvolvimento

Data: 1 a 4 de agosto de 2012.
Local: Gramado, Rio Grande do Sul (RS)
Site Oficial: http://www.abcp2012.sinteseeventos.com.br/

Ampliando fronteiras da Ciência Politica: Desafios contemporâneos à democracia e ao desenvolvimento

A ABCP informa que o período de submissão de trabalhos para o 8º Encontro será de 19/setembro à 30/novembro de 2011. O encontro será realizado entre os dias 01 e 04 de agosto de 2012, em Gramado, Rio Grande do Sul. O tema geral desde encontro será “Ampliando as fronteiras da Ciência Política: desafios contemporâneos à democracia e ao desenvolvimento”.

Informações detalhadas sobre o processo de submissão dos trabalhos estão disponíveis no site do evento (www.abcp2012.sinteseeventos.com.br). Obs: os trabalhos deverão ser postados somente de forma online, pelo site do evento. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail ou correio convencional. Em relação o sétimo encontro, foram criadas duas novas áreas temáticas: "Segurança Pública e Segurança Nacional" e "Participação Política".

Cada participante poderá inscrever uma única proposta como primeiro autor. As áreas temáticas são as que seguem:

AT01 - Comunicação Política e Opinião Pública
AT02 - Cultura Política e Democracia
AT03 - Eleições e Representação Política
AT04 - Ensino e Pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais
AT05 - Estado e Políticas Públicas
AT06 - Instituições Políticas
AT07 - Participação Política
AT08 - Política e Economia
AT09 - Política, Direito e Judiciário
AT10 - Relações Internacionais
AT11 - Segurança Pública e Segurança Nacional
AT12 - Teoria Política

Expediente

Reitor
Prof. Ricardo Vieiralves de Castro
Vice-reitora
Prof. Paulo Roberto Volpato Dias
Sub-reitora de Graduação
Profª Lená Medeiros de Menezes
Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron
Sub-reitora de Extensão e Cultura
Profª Regina Lúcia Monteiro Henriques
Diretor do Centro de Ciências Sociais
Prof. Dr. Léo da Rocha Ferreira
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial
Margareth Doher (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
Andreia de Souza Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)
Margareth Doher (PROEALC/CCS/UERJ)
Colaboradores
Andreia de Souza Carvalho
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
Andreia de Souza Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)
Assessoria de Informática
Anísio Borba (PROEALC/CCS/UERJ)
Victor Hugo Cardoso Palmeira (ISERJ/FAETEC)
Revisão
Os textos publicados são de responsabilidade dos autores.